

ENTREVISTAS

Histórias de João Malaca Casteleiro. Depoimentos de Maria José Grosso e Chrys Chrystello e algumas declarações do linguista em Macau

Caio César CHRISTIANO*

Conheci o professor João Malaca Casteleiro no mês de outubro de 2010, quando participei do 14.º Colóquio da Lusofonia, que aconteceu na cidade de Bragança, em Portugal. Ainda me lembro da primeira pergunta que lhe fiz. Na época, todos os que, de uma forma ou de outra, trabalhávamos com a difusão da língua portuguesa andávamos envolvidos em acaloradas discussões a respeito do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Como tinha a minha frente um dos “pais” do Acordo, resolvi colocar uma questão acerca de um ponto que me parecia demonstrar de modo cabal a arbitrariedade de alguns critérios utilizados para a elaboração de algumas das regras que deveriam a partir de então ser observadas para a escrita de nossa língua. Tratava-se da não utilização do hífen em palavras para as quais se já se havia “perdido a noção” de serem compostas. O exemplo mais usado era o de “pára-quedas” que, além de perder o acento agudo (uma vez que o

novo acordo eliminou a maioria dos acentos diferenciados), passaria a ser escrito sem hífen (“paraquedas”), já que a noção de ser uma palavra composta se havia perdido. Argumentei que, ao que tudo indicava, ainda estava perfeitamente claro que o paraquedas servia para parar as quedas e que, não só para mim, mas principalmente para as muitas pessoas que saltam de aviões tendo o paraquedas como única garantia de um pouso seguro, esta noção nunca realmente se perdera. O que se seguiu foi uma verdadeira lição. Muitos poderiam ver na minha pergunta uma espécie de crítica ou provocação, já que o debate e o confronto público no campo das ideias, que deveriam ser a norma na vida científica, parecem cada vez mais cair em desuso, sendo gradualmente substituídos pela esquivia ao diálogo científico e pelos meros ataques *ad personam* que tanto dano causam ao ambiente acadêmico. O Professor João Malaca Casteleiro, porém, não temia

* Professor Adjunto do Centro Pedagógico e Científico da Língua Portuguesa do IPM || ✉ caio.christiano@ipm.edu.mo

controvérsias e muito menos provocações. Pacientemente, tomou a palavra e explicou que “perder a noção” não se referia ao conhecimento semântico do termo, mas sim à noção de que se tratava de uma palavra composta no campo morfossintático: a partir de paraquedas, contrariamente a outros substantivos compostos, pode-se formar substantivos como paraquedista ou paraquedismo, o que demonstra que já não funciona como um termo composto comum. Além de convencido e satisfeito pela resposta, fiquei ao mesmo tempo maravilhado pela forma elegante com que um argumento meu, que considerava irrefutável, foi rebatido e refutado perante todo o público. Somente os grandes são capazes de continuar a ser grandes sem a mínima necessidade de fazer com que os outros se sintam pequenos.

As entrevistas que se seguem foram realizadas com pessoas que conheceram o Professor João Malaca Casteleiro e que com ele tiveram contato próximo em diferentes momentos de sua vida. Elas ajudam a traçar o retrato do linguista e do homem que era um dos membros do Conselho Editorial da *Revista Orientes do Português* e que nos deixou no dia 07 de fevereiro de 2020.

1. Maria José Grosso

Maria José Grosso, professora associada da Universidade de Lisboa e convidada da Universidade de Macau, teve a gentileza de vir ao meu encontro nas instalações do *campus* do Instituto Politécnico de Macau na ilha da Taipa. Tendo sido orientanda, discípula e amiga de longa data do Professor João Malaca Casteleiro, tratava-se de uma das escolhas óbvias para prestar este depoimento. A entrevista foi concedida no dia 27 de janeiro de 2021.

Como e quando conheceu o Professor João Malaca Casteleiro?

Começo justamente por um pequeno *fait-divers*. Num primeiro contacto, conheci o Professor João Malaca Casteleiro não como professor, mas como alguém que eu pensava ser um daqueles alunos mais velhos que na altura eram alunos externos da própria faculdade. Eu era muito jovem no pós-25 de abril e, de facto, também eu tinha começado a trabalhar no ensino secundário. Portanto, era estudante trabalhadora. E, num daqueles encontros num bar, estava o professor Malaca a falar

com outros colegas, certamente alunos dele, mas eu confundi-o com um estudante também trabalhador. Então comecei a falar normalmente, sei lá, talvez das horas ou de outra coisa, e entramos numa conversa porque o professor Malaca tinha sido também professor do ensino secundário. Tínhamos também uma coisa em comum interessante, apesar da diferença de idade, eu tinha acabado de chegar da *Universtà Italiana Per Stranieri* onde tinha feito um daqueles cursos de verão de língua italiana e o professor havia lá estado havia já alguns anos.

Mas o que é que resulta desta história? De facto, eu, como dou sempre mais importância ao conteúdo do que à formalidade, não vi que estava perante uma das pessoas que se ia tornar praticamente um marco da língua portuguesa e comecei a tratar o professor por tu, porque pensei que era, de facto, um colega meu.

O professor deve ter achado piada – acho que na altura ele ainda era assistente – e também começou a tratar-me por tu e para mim era sempre o Malaca ou o João Malaca.

Um pouco mais tarde, eu começo a trabalhar naquilo que se vai tornar o departamento de língua e cultura portuguesa, mas o Professor na altura ainda não era diretor nem presidente do departamento (ele só o será em 1984) e eu só me apercebo de facto que ele é já um professor na altura em que eu entro no mestrado que, acho que foi o segundo que houve na faculdade, penso eu em 1984. Ele é o meu professor de sintaxe. Quer dizer, eu já tinha uma ideia, mas não era todo aquele peso de estar perante uma pessoa diferente. Portanto, ele é o meu professor de sintaxe durante todo o tempo do mestrado e depois mais tarde é também meu superior hierárquico, porque é presidente do departamento de língua e cultura portuguesa e eu concorro com outros colegas que já lá trabalhávamos. Concorreu imensa gente. Na altura, nós já tínhamos um trabalho mais ou menos fixo. Fazíamos aquilo por gosto. Eu já tinha passado, muito cedo, a professora efetiva do secundário, então desaconselhavam-nos a concorrer porque, inclusive, íamos ganhar menos do que se ganhava no secundário. Mas tudo bem, eu concorri e fiquei. Fomos poucos os que ficamos, nove ou dez. Quando me apercebi destas coisas todas, comecei a tratá-lo por Professor Malaca. Ele disse, “Não, Maria José, que disparate é esse! Já nos conhecemos há 10 ou

15 anos, vamos continuar a tratar-nos por tu”. Então era sempre aquela situação muito engraçada. Quando estávamos até com a mulher dele, a Dr.^a Conceição, tratávamo-nos por tu numa relação muito amistosa e amigável. Quando estava dentro de uma aula ou numa situação muito formal, obviamente, tratava-o por Professor Malaca.

Ele já era conhecido nacionalmente nessa época?

De facto, ele tinha, digamos, um certo poder e, ao mesmo tempo, isto mais ou menos até 1988, todos nós, por sermos alunos dele, desenvolvíamos uma área de investigação que era chamada o “léxico-gramática” que era representado pelo professor Maurice Gross. Os seus *Méthodes en Syntaxe*¹, portanto, eram a bíblia. Depois, tínhamos também o linguista Gaston Gross. Isso é quase anedótico: por brincadeira, às vezes, os alunos tiravam o “o” do meu nome e punham Maria José “Gross”.

A base dele eram os autores franceses e, neste sentido, julgo que ele inclusive ganhou um prémio em França da área da investigação e do desenvolvimento², além de estar, isso já nos anos 1980, muito ligado à produção de materiais de língua portuguesa. Lembro-me de duas colegas que trabalhavam no antigo departamento que terão vindo a Macau divulgar o livro *Falar Português*, um livro que certamente conhece e que é muito conhecido, com capa verde e azul³. Que eu me lembre, foi a grande divulgação do português aqui em Macau. Eu não estava propriamente nesta ligação direta científica com o Professor, se bem que, também nesta altura, ainda no final dos anos 1990, havia um dicionário lexicográfico no centro de linguística ao qual eu também estive ligada e no qual todos os colegas que estavam no centro de linguística trabalhámos.

Mas, tenho que dizer algo que acho interessante: nestes anos do centro de linguística que ficava na 5 de outubro, quase todas as pessoas que estávamos ali trabalhávamos quase como uma família, dávamo-nos todos muito bem, estávamos todos muito ligados não só às pessoas da área da linguística, mas também às pessoas da área da literatura, que iam lá constantemente. Uma delas era a Fiama Hasse Paes Brandão.

Outra colega que estava lá a trabalhar era a Dr.^a Teresa Porto. Estas pessoas que estavam lá fazem parte de uma época de grande afetividade, porque a idade é outra, onde não há grandes rivalidades e, de facto, o nome do Professor Malaca aparecia constantemente porque ele era orientador da maior parte das pessoas que estavam ali a trabalhar. Até para as pessoas que trabalhavam na área chomskyana, portanto a generativa, ele era o orientador delas no mestrado, doutoramento e também nesta área que disse da léxico-gramática. Na altura trabalhava-se muito na sintaxe do verbo

Portanto, digamos, se calhar, não tenho aquela sensação da figura que se impõe na época, até porque nestas coisas, tudo é relativo, mas o nome dele era muito falado: “Estou fazendo uma tese com o Malaca”.

Fale um pouco da ligação dele com a área de PLE

Acho que na altura, o que eu sabia do Prof. Malaca era que ele se começou a interessar muito pelo PLE. Lembro-me destas conversas em que comparava a Universidade Italiana para Estrangeiros de Perúgia com aquele departamento, que ainda não era departamento, mas um centro. Estavam lá outras pessoas, não era propriamente o Professor Malaca, apesar de ele dar também apoio. O grande sonho dele, e ele falou disto várias vezes, era um dia ter a capacidade de criar um grande instituto só para Português Língua Estrangeira ou então, idealmente, tal como em Perúgia, criar uma Universidade só para o PLE. Esta era uma época dourada, em que ele vivia muito destes sonhos, portanto, era um visionário nesta perspectiva. Tinha muitos contactos, era muito convidado para o exterior e o departamento tinha uma coisa de que ele se orgulhava muito, pois era o único departamento na faculdade de letras que tinha sido criado por despacho, em 1987, e isso era uma coisa única. Acho que, posteriormente, quando foi diluído, ninguém olhou esse despacho, mas de facto, dentro da própria faculdade de letras era o único que tinha sido criado por despacho do Ministro da Educação e daí ele ter criado um departamento com pessoas próprias que se doutoraram mais ou menos naquela área, mas que, por várias razões, que não

¹ NB: GROSS, Maurice (1975) *Méthodes en syntaxe: régime des constructions complétives*. Paris : Université de Paris-Vincennes.

² NB: O Professor João Malaca Casteleiro recebeu o grau de Cavaleiro da Ordem das Palmas Acadêmicas no dia 4 de julho de 1986.

³ NB: LEIRIA, Isabel & Manuela VASCONCELOS (1985) *Falar Português*. Macau: Serviço de Educação e Cultura.

interessam aqui, não conseguiram – aliás, como a maior parte das pessoas – progredir na carreira.

Quais eram as visões do Professor Malaca sobre didática das línguas estrangeiras

Uma das participações que ele teve ligada ao ensino da língua tinha a ver com a descrição da própria língua. Aliás, ele escreveu durante muito tempo de forma regular para uma revista do ministério da educação que era para formação dos professores – a Escola Democrática –, mas que não tinha muita divulgação. Nessa revista, ele apresentava a gramática de uma forma pedagógica, de uma forma simples. Por exemplo, lembro de uma das coisas que li na altura: a história dos nomes massivos. Numa época em que praticamente ninguém falava de nomes massivos, as suas explicações nos davam muita segurança. Porque é que eu digo “eu como peixe” e não posso aceitar, “eu como o peixe”?

Ele trabalha no uso da língua e nessa perspectiva é um homem de comunicação. Sempre defendeu o uso da língua como as pessoas falam. Não sei se ouviu dizer, mas foi muito criticado porque tinha inserido no dicionário a palavra “bué”. Então, por um lado, queria ir ao encontro daquilo que as pessoas diziam, daquilo que falavam, e, nessa perspectiva, era um homem da comunicação. Agora, se ele seguia mais a abordagem comunicativa ou seguia mais o audiolingual ou os chamados métodos estruturais, é difícil dizer, ele não era um professor de línguas.

Ele é um linguista essencialmente, e como linguista, trabalhava a frase, porque uma das áreas que ele gostava imenso de trabalhar era a sintaxe verbal, mas também nos dava visões diversas, por exemplo, com a Claire Benveniste, nós estudámos, até ao pormenor, a teoria da pronominalização. Tinha várias visões e era muito aberto àquilo que os professores lhe diziam. Era um homem de cátedra, um homem que seguia os seus apontamentos. Agora, nas aulas dele, também havia discussão, apesar de ser um professor universitário que fazia as suas descrições gramaticais. A pessoa podia lhe por uma pergunta que não estava ali e ele não ia buscar qualquer coisa, ele pensava antes de responder. Aliás, era um homem que sabia latim, ou pelo menos sabia o suficiente para lhe dar essa perspectiva, essa

ideia de pensar. Na prática, ele é um homem que praticava uma abordagem comunicativa intercultural quando ensinava aos mais novos – eu e todos os outros colegas. Mas ele próprio, não sei se se pode dizer que era um homem da abordagem comunicativa... Era um linguista.

Em 1986 já havia a primeira versão do Acordo Ortográfico. Na época, o Antônio Houaiss e o João Malaca Casteleiro já estavam a trabalhar nisso. Com vocês, ele falava sobre o Acordo já nessa época?

O Professor Malaca, nas aulas que nos dava, era muito objetivo e tínhamos de seguir rigorosamente o que ele estava a descrever, se bem que desse sempre muita liberdade às pessoas, fosse tese de mestrado, de doutoramento. Depois, acontece que ele tinha estado ligado ao projeto do português fundamental para o vocabulário e da gramática. Aquilo que ele lamentava é que, como nós vemos, a gramática nunca saiu. Ele dizia: “não tenho tempo, se houvesse alguém...”.

Ele tinha sempre esta preocupação porque uma das grandes paixões dele é a gramática, a sintaxe. Depois, tínhamos o livro dele a *Sintaxe Transformacional do Adjetivo*⁴, uma autêntica bíblia. Não sei se alguém sozinho consegue hoje produzir um documento como aquele. Nós, durante todo o tempo em que éramos estudantes, se queríamos saber a diferença entre aceitabilidade, gramaticalidade, ver as diferenças entre ser e estar, vamos consultar a sintaxe transformacional. Ele tinha isso atrás de si. Depois, penso que ele começa com muitas ligações, digamos até políticas, à África e começa a pensar numa ideia diferente de que se nós simplificássemos a escrita, se calhar, era mais fácil para os alunos falantes de outras línguas seguirem o português. Lembro-me de nós discutirmos porque é que conosco deveria ser com dois “nn”, porque é que não se facilitava?

Ele tinha excelentes relações com o Brasil, teve sempre. Porque é que não havemos de fazer como os amigos brasileiros que facilitam tudo? E, nessa altura, começa aquela divisão do PE do PB que não era nada bem-vista, até porque, se reparar, há um grupo muito forte em Portugal que, sobre as coisas da língua, da literatura e da sociedade, tem uma visão tradicional. Para

⁴ NB: CASTELEIRO, João Malaca (1981). *Sintaxe Transformacional do Adjetivo: Regência das Construções Completivas*. Lisboa: Instituto Nacional De Investigação Científica.

eles, mesmo quando falamos, a língua tem de ser conservada quase como a sua forma escrita. Nós sabemos que o oral e o escrito são coisas completamente diferentes, nunca poderão ser iguais, mas infelizmente havia grupos e há, agora menos, dentro da sociedade que achavam que esta ideia do AO era um desvirtuar da pureza da própria língua. Eram críticas tremendas, era pôr o português pelas ruas da amargura. Estávamos sob o domínio de A, B e C. Não esqueçamos que, após o 25 de abril, as pessoas estavam muito próximas, mas, nos anos posteriores, há falantes que consideram que a palavra “você” é uma realização de má educação.

Sua ligação e a do Professor Malaca com a China. Como aconteceu? Onde vocês dois se juntam nessa ligação?

Em 1987, eu estava a fazer o mestrado e havia um senhor em Macau, especialista em fonética, diretor do centro de difusão da língua portuguesa, o professor Manuel Nóia. Tinha vindo de lá, era professor assistente e também havia um outro aluno do professor Malaca (ambos já morreram). Havia a necessidade de vir aqui alguém a Macau para mostrar o que estava a ser feito na Europa para a divulgação das línguas e o professor já tinha vindo aqui por causa do manual. E o que sabíamos que estava a ser feito na Europa, e já com alguns anos, era o chamado nível limiar. Estavam-se a cumprir as coisas do nível limiar com dois colegas, o Américo Meira e o José Pascoal, ambos assistentes. É pedido que, para esse centro de difusão de língua portuguesa, venha alguém explicar o que se passa na Europa e como é que Macau pode modernizar os programas, tornar-se um centro de língua mais atual, mais moderno. Estava cá também um colega, o José Betencourt, que também tinha trabalhado no centro de linguística. Todas estas pessoas tinham trabalhado com o professor Malaca.

Na altura, vim eu, outro colega não podia vir e veio o colega Américo Meira, co-autor do nível limiar. Qual é a nossa função? Uma função muito engraçada, viemos os dois, fazer grandes formações para muita gente: todos os professores que davam aulas de português como língua estrangeira. Eram vários dias, eu e o meu colega tínhamos grupos diferentes e, ao mesmo tempo, deslocávamo-nos ao Centro de Difusão de Línguas e víamos o que estava a ser feito.

Foi um trabalho extremamente produtivo, porque as pessoas receberam-nos muito bem. Nós éramos pessoas na casa dos 30. As pessoas que cá estavam, já há muito tempo, com 40 ou 50 anos, muitas vezes não aceitam muito bem isso. Havia cá uma colega, muito sabedora, a Rosário Vidal, de quem fiquei amiga, e que não fazia formação, pois achava que era melhor haver pessoas do exterior, porque trazem a boa nova.

Foi uma experiência muito interessante, muito rica. A ideia era transformar os programas de acordo com o nível limiar. Não estou a negar o bom trabalho que as pessoas tinham feito, o que estou a dizer é que comecem a ser introduzidas novas propostas, de se dar muita importância ao ato de fala e daí o nível limiar tinha um papel importante. No nível limiar está tudo preparado: “tal ato de fala é ligado a informar”. Bastava transferir aquilo para os manuais e materiais. Infelizmente, mesmo passados quase 20 anos do nível limiar ter sido feito, praticamente nenhum professor conhece ou consulta. Nas centenas de formações que tenho dado, quando falo do nível limiar, dizem que conhecem, mas é muito difícil de consultar. As pessoas têm alguma rejeição a tudo o que é volumoso a consultar.

Eu não conhecia Macau, só conhecia pelos alunos que tinha em Portugal nos anos 80. Em 1989, um professor de história (Teodoro de Matos), convidou-me. Precisam de alguém que estivesse ligado ao mundo chinês, e eu, durante alguns anos só dava aulas a alunos chineses e não-europeus. Tive o privilégio de ter alunos chineses, japoneses, iranianos e africanos. Como assistente, não podia assumir a responsabilidade pelas cadeiras e quem fica a cargo delas é o professor Malaca Casteleiro, além do professor Mário Vilela. Como o professor Malaca não estava cá, era eu que dava as cadeiras dele. Durante aqueles anos todos eu substituí-a na sintaxe, linguística aplicada etc.

Ele ficava com os mestrandos e doutorandos e eu, estando cá, apoiava-os. Em 1996 saí da Universidade de Macau e fui para o Instituto Português do Oriente, como diretora do centro, para formar professores, criar materiais e lançar cursos de português para fins específicos. Mais uma vez o professor Malaca, que era, digamos, o meu pai científico, continuava ao meu lado.

Outra pessoa que estava muito ligada ao professor Malaca em Macau era o professor Lei Iong Hok, do Instituto Politécnico de Macau. Tinham uma amizade

incrível, o professor Lei era o professor de língua chinesa mais português que havia e a outra pessoa, que também continua em Macau, era o Wang Zeng Yang, com quem eu trabalhava muito em português.

O Professor Malaca vinha muito a Macau, não é? Parecia gostar muito daqui...

Da última vez que veio eu, infelizmente, não o consegui ver, já estava doente. Teve uma doença que se veio a revelar, senti que se fechava um ciclo e que já não voltaria a Macau. Veio com a esposa, para fechar esse ciclo.

Mas ele gostava muito da China, dos alunos chineses. Tínhamos sempre imensas histórias engraçadas. Ele gostava muito da comida chinesa. Numa das últimas vezes, quando foi a Pequim, no aniversário de não sei quantos anos da língua portuguesa na China, foi engraçadíssimo. A muralha da China tem uns degraus extremamente altos. A partir de uma certa idade é difícil subir e descer e o professor Malaca parecia que tinha voltado aos seus 20 anos e lá subiu a muralha de China. Toda a gente preocupada, mas ele tinha um grande fascínio pelo Oriente.

Outra coisa diferente que as pessoas talvez não conheçam, era o seu aspecto lúdico, de gostar de brincar. Por exemplo, quando íamos a algumas reuniões da ALTE, em Espanha, as pessoas tinham o hábito de sair à noite e ele acompanhava sempre. Saía e brincava muito.

Outra coisa é que, para todos nós, alunos diretos que conviveram com ele, falava-nos sempre de uma forma quase metafórica, mostrando-nos aquele lado que ele tinha muito ligado à vida da terra. O professor tinha uma quinta no Norte e gostava muito da vida da terra. Tinha expressões muito interessantes, por exemplo, “os cães ladram e a caravana passa”. Lembramo-nos sempre de ele usar muitos provérbios. Conforme a situação, ele tinha sempre um provérbio.

Onde faz mais falta na linguística, no nosso mundo universitário.

Alguns dirão que não faz falta. Já outros, hoje em dia, ainda pensam que tem de haver pessoas com uma cientificidade ligada à reflexão, ao pensamento sobre a língua, um certo bom senso, estar longe da petulância.

Para dizer sinceramente, o Professor Malaca, para muitos, era visto como uma pessoa muito formal etc. Para outros, todos aqueles que o conhecíamos melhor e que convivíamos com ele, era uma pessoa com humor incrível, uma certa bondade natural, que se emocionava facilmente quando via alguém que precisava ou que ia lá falar qualquer coisa. Ele tinha essa visão do mundo muito interessante

O professor Malaca assemelhava-se a um jardineiro, um homem simples que faz os passeios com os seus alunos, explicando coisas sobre a língua. Quando perguntávamos alguma coisa, dizia “deixa-me lá pensar”, e depois explicava. Neste sentido faz falta uma pessoa que não tivesse tantos preconceitos, como diz o QEER⁵, que não estivesse ligado a uma ciência da linguagem, uma ciência da língua, que fosse suficientemente científico, que fosse alguém que pensa sobre a língua, que fosse alguém com várias teorias sobre a língua e o professor conhecia muitas teorias sobre a língua, pelo facto de ser um grande linguista. Faz falta este tipo de pessoa, alguém de referência. Quer queiram, quer não, foi um homem que se impôs na sociedade. Quando se fala em língua portuguesa, fala-se nele. Fala-se também, por causa da gramática, na professora Maria Helena Mira Mateus. Mas o professor Malaca era uma referência não só da língua portuguesa, enquanto divulgação política da língua, mas também desta certa humanidade e de reunir as pessoas de falar com as pessoas, de discutir, de ter uma certa flexibilidade e de ter um sonho, unir a língua portuguesa e divulgar a língua portuguesa.

2. Chrys Chrystello

Idealizador dos Colóquios da Lusofonia, o jornalista e tradutor luso-australiano Chrys Chrystello manteve estreito contato com o Professor João Malaca Casteleiro durante a última década e meia. Nesta entrevista, realizada no dia 03 de fevereiro de 2021 – por videoconferência, já que mora atualmente em Ponta Delgada – Chrystello nos conta algumas das histórias que viveu ao lado do acadêmico que acabou por se tornar amigo.

⁵ NB: Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas

Como e quando conheceu o professor Malaca Casteleiro?

Ora bem, o professor João Malaca Casteleiro surgiu no nosso seio, nos Colóquios da Lusofonia, em outubro de 2007 com o Evanildo Bechara, quando ambos aceitaram o meu ousado convite para estarem presentes.

Essa primeira vez que o convidou em 2007, já o conhecia antes disso?

Não, os nossos convites são sempre assim. Com o Malaca e com o Bechara foi só ter o contato deles e fazer o desafio, pois o tema era aliciante.

Havia no ar, mais ou menos como o perigo do século XXI, a ideia de que o Brasil se vai tornar autónomo e o brasileiro vai passar a ser língua e o português vai cair no esquecimento. O tema era controverso, porque partia do princípio de que se não fizessemos alguma coisa, se não debatêssemos o acordo ortográfico, ninguém sabia o que se passava e tinham-se passado 17 anos. Ninguém falava disso, nós tínhamos medo de pessoas que eram frontalmente contra o acordo. Eu mesmo comecei por dizer que era contra todos os acordos, porque vinham de cima, e eu sou contra todas as atitudes prepotentes.

Lembro-me como se fosse hoje que, depois dos jantares no restaurante Poças em Bragança, regressávamos a pé à velhinha residencial Classis, onde estávamos todos alojados. Já era perto da meia-noite e eles perguntaram-me se eu os queria aceitar como os nossos patronos, dado que o primeiro patrono José Augusto Seabra já tinha falecido em 2004. Eu nem quis acreditar que a sorte nos bafejara naquela conversa informal quando eu meramente me estava a queixar a eles da falta de visibilidade que os Colóquios tinham e já íamos no 8.º. Foi ótimo. Logo a seguir fruto desse mesmo colóquio a comunicação social deu muito relevo à presença deles e à discussão do acordo ortográfico. Lembro-me que era em 2007 e que tinha sido o tema principal de debate nesse ano e o Estado português viu-se confrontado com perguntas do Brasil sobre a aprovação do acordo ortográfico e foi assim que ele foi ratificado, por incrível que pareça, foi nos colóquios de Bragança que surgiu a ratificação, fruto da pressão da comunicação social do Brasil – e de Portugal também –, mas sobretudo do Brasil porque foram às centenas aqueles que ligaram para o Ministério da Cultura, na

altura era o Pedro Santana Lopes que estava na Cultura, e ele acabou por aprovar o acordo.

Tem piada, porque eu tinha começado esses colóquios dizendo que não acredito em acordos ortográficos, nem acredito em coisas por imposição. No entanto, há aqui um grande problema. Lembro-me como se fosse hoje de debater com eles. Eu dizia: quero que o meu filho fale uma língua chamada português e não um dialeto minoritário chamado português europeu, porque eu sabia na altura, e já lá vão 14 anos, que existem forças no Brasil para tornar o brasileiro independente do português e, portanto, a mera pressão dos números era de tal forma grande e a ineficácia dos portugueses é tão conhecida que era uma questão de tempo para que isso começasse. Portanto, era importante que conjugássemos forças e nos aliássemos ao Malaca e ao Bechara para defendermos a todo o custo a unicidade da língua através dessa unificação ortográfica. Foi assim que tudo começou e, durante anos a fio, nas escolas, nas universidades, nos colóquios, o Malaca e o Bechara foram sempre as faces mais visíveis quer dos colóquios, quer do Acordo Ortográfico de 1990. Fomos à Galiza, a Portugal, ao Brasil, a Macau e conseguimos também outra coisa: conseguimos nesses primeiros anos estabelecer as metas necessárias para criar a Academia Galega de Língua Portuguesa que se conseguiu pôr de pé e frutificou e criaram estratégias para ajudar a conseguir aquilo que poucos acreditavam ser possível que era uma Galiza espanholizada e castelhanizada a aproximar-se, através dos Lusistas, dos reintegracionistas, portanto, de uma unificação ortográfica. Ainda falta muito que fazer e tem-se andado muito para trás, mas pelo menos já se lançou uma lança em África, como se costuma dizer, porque eles começaram a ver que existe uma vantagem enorme em pertencerem a uma comunidade lusófona de 200 e não sei quantos milhões. Portanto, vai catapultar a língua galega de uma forma ou de outra. São cerca de 3 milhões de galegos, fora aqueles que estão na diáspora, que serão outros tantos, e o Malaca foi absolutamente imprescindível.

Lembro-me que em outubro de 2010, três anos depois, fomos vítimas de uma ameaça da Câmara de Bragança que tinha sido a nossa sede durante 9 anos para tomar conta dos nossos colóquios, através da academia de Trás-os-Montes. Eu fui um bocado contra a

academia de Trás-os-Montes, porque faz-me lembrar um bocado, sem desprimor, as academias como no Brasil: uma academia em cada estado, uma academia em cada cidade, às quais não reconheço grande mérito intelectual, mas isto é a minha análise. Eu prefiro uma academia nacional a essas academias regionais. E foi o Malaca, com o escritor Vasco Pereira da Costa e com o Bechara, que nos ajudaram a resolver o problema. Foi assim que nós formalizamos a criação da Associação internacional dos colóquios da lusofonia, para nos defendermos desses ataques, tínhamos o logotipo, tínhamos o nome registado, patenteado e pronto. Depois acabamos por obter uma nova sede, a nossa sede agora é Belmonte, de 2016 a 2026, e foi graças ao Malaca também que fomos para Macau. Nós começamos as diligências lá em Bragança em 2010. Em poucos meses tivemos um apoio absolutamente incondicional do Politécnico de Macau. Graças aos contactos do Malaca que ia aí a Macau 2 ou 3 vezes por ano ao IPM, acabou por se conseguir um apoio ilimitado. Fomos recebidos como se fôssemos da dinastia Qing. Foi notável e no meu livro⁶ tenho quase 50 páginas dedicadas a Macau, à minha vida aí durante 6 anos, de 76 a 82 e ao colóquio.

Falando do Malaca aqui em Macau, você poderia contar um pouco mais sobre a como foi a recepção aos debates sobre o acordo por aqui? Não sei se sabe, mas Macau oficialmente não adota o acordo. Na comunicação social, uns adotam outros não, mas oficialmente, para os documentos oficiais não se adota. Isso faz com que muitos professores universitários, por exemplo, sejam contra, e nem o ensinam aos alunos chineses. Mas na época, qual foi a reação?

Foi curiosa. Eu sabia dessas oposições todas, tivemos alguns participantes aí do IPM, que eram completamente contra o acordo, mas conseguimos uma coisa fantástica: em todos os cartazes, utilizou-se a nova grafia, porque estávamos aí e isso foi uma vitória. Eu sei que o Malaca era extremamente estimado. Ia aí 2 ou 3 vezes por ano para dar os seus cursos. Vimos a forma

como o tratavam e nós por inerência de funções estávamos sempre na mesa de honra. Tratavam-no como se fosse um imperador, eu nunca tinha visto, nem nos anos que aí estive. Nunca tinha visto uma deferência tão grande e um respeito tão grande como o que o IPM tinha por ele. Quer o professor James Li, quer o diretor Lei ...

Fomos muito bem recebidos, acabaram por oferecer a estadia e refeições a 43 pessoas, o que foi um ato que seria impossível se não fosse o Malaca. Eu não tinha capacidade negocial para isso e fomos extremamente bem recebidos. Conheci o Jorge Rangel, do Instituto Internacional de Macau, fizemos lá uma sessão com o ex-governador Garcia Leandro que eu conhecia desde o tempo do 25 de abril quando ele tentou ser governador de Timor. Tínhamo-nos conhecido lá e foi governador de Macau no meu tempo e, em todos os sítios, fomos alvo de um tratamento, com uma deferência, com honrarias, como nunca haveria se não fosse a presença do Malaca Casteleiro.

Além de Portugal e China, o professor João Malaca Casteleiro também rodou o mundo com estes colóquios, não?

Graças também ao Malaca estivemos presentes em Brasília, na conferência da CPLP, em março de 2010. Ainda fomos ao museu da Língua em São Paulo e vai nascer agora um polo no museu de Belmonte que é o nosso minimuseu da lusofonia, baseado nessa visita que fizemos a São Paulo. Estivemos no Rio num dos momentos mais altos da minha vida, graças ao Bechara e ao Malaca, que foi eu dar uma palestra. Eu que não sou académico, por via normal (venho da tradutologia), dei uma palestra na Academia Brasileira de Letras, a ABL. Foi dos momentos mais altos da minha vida, porque eu nunca sonhava estar no meio daqueles “imorríveis” todos a ouvirem-me com atenção, aos meus sonhos e utopias, quer do colóquios quer do acordo ortográfico durante as duas horas que aquilo decorreu e onde se falou também da academia galega e de outras coisas.

⁶ NB: CHRYSTELLO, Chrys (2011). *S. Crónica Açores - uma circum-navegação (de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores)*. V. N. Gaia: Calendário de Letras.

Depois tivemos o magnífico colóquio em Florianópolis, foram 2 semanas e meia, portanto, a aproximar a décima ilha (Santa Catarina) e os Açores. Começamos os nossos colóquios a partir de 2006, em 50% dedicados à açorianidade, à literatura e cultura açoriana, e foi ótimo fazermos isso.

Tivemos sempre o Malaca, eu lembro-me ainda em 2012, tivemos de mudar a data do colóquio, porque tivemos um convite da universidade de Toronto para os 65 anos do curso de Estudos Portugueses em Toronto e lá fomos nós: o Malaca e a Conceição, o Bechara e a Marlit (esposa do Bechara). Lembro-me perfeitamente que, no dia a seguir à chegada, a Manuela Marujo da Universidade de Toronto tinha-nos dito: são só 10 minutos em linha reta do hotel onde vocês estão na *Yonge Street* até à Universidade. O Malaca disse-me: “não se preocupe eu já estive a ver aqui no mapa, vamos fazer a caminhada e isto é num instante”. Ora bem, nós andámos e ao fim de 45 minutos ainda não se via universidade nenhuma. O que é que o Malaca tinha visto no mapa? A entrada oposta na universidade de Toronto. Portanto, andamos quase 1h a pé para chegar, quando estávamos literalmente a 10 minutos e o que me recordo melhor dessa visita é que íamos todos a reboque dele. A Conceição Casteleiro dizia: “lá vai ele a acelerar”. Eram umas passadas largas, cada passada dele nós tínhamos que dar 2 ou 3. Aqui nos Açores, em 2009, nós estávamos a fazer um colóquio na Lagoa num teatro e as pessoas estavam alojadas na Atalhada, que ficava a uns 4 ou 5 quilómetros e ele recusava ir na carrinha e ia com a sua passada rápida a pé e conseguia chegar antes da carrinha.

Era um homem de passadas rápidas em tudo o que fazia.

Lembro-me depois, tivemos muitos momentos pessoais de conversa e ele foi um mentor extraordinário, ensinou-me imenso. Em Montalegre, nós perdemo-nos do nosso guia, o célebre Padre Fontes. Perdemo-nos e fomos a pé cavalcando as ruas e caminhos de Vilar das Perdizes, enquanto todos faziam a rota e nós a discutirmos o futuro da língua portuguesa, totalmente alheados de que nos tínhamos perdido de toda a gente.

Como foram os últimos contatos?

Em 2018 a saúde dele começou a traí-lo, começou a ter os primeiros problemas, não esteve presente no 29.º

Colóquio, em Belmonte, nem nesse ano na Madalena do Pico, a Conceição tinha medo...

Em novembro de 2019, ligou a confirmar a presença no colóquio seguinte e infelizmente, em 7 de fevereiro do ano passado, deixou-nos. A saúde dele traiu-nos a todos, foi um murro no estômago muito forte

Eu não gostava, mas devo mencionar, há coisas que se devem mencionar. Não posso falar da sua notável carreira, porque não tenho formação académica para o fazer, mas não se pode esquecer a sacanice da perseguição que alguns na ACL lhe moveram nos últimos anos, incluindo acusando-o de desvio de fundos, para se verem livres dele. Felizmente temos hoje gente como o Rolf Kemler e o professor Verdelho a defenderem as mesmas ideias do professor Malaca.

O João Malaca Casteleiro era uma pessoa extremamente humilde e simpática. Lembro-me que, uma vez, num dos colóquios em Seia, perto da terra dele, ele fez-me uma confissão que vinha de uma família muito humilde que subira a pulso, fruto de trabalho e de estudo. Que os pais eram iletrados, nem sabiam escrever e que tinha um orgulho imenso de os pais terem-lhe dado oportunidade de ele fazer os estudos e chegar aonde chegou, mas foi tudo a pulso. E nós muitas vezes discutíamos isso: a minha geração, um bocadinho mais novo que ele, a minha geração e a dele, nós crescemos a lutar por tudo e subir a pulso, num meio como o português em que vigora o sistema do nepotismo, da cunha, do favorecimento etc.

Eu que venho da Austrália noto isso. Em Portugal é muito difícil uma pessoa subir por mérito, e ele subiu por mérito contra tudo e contra todos. Criou sérias inimizades por causa do seu trabalho e da sua dedicação. Guardo comigo momentos maravilhosos destes 13 anos que convivemos. Ficar-lhe-ei sempre eternamente grato. Ele continuará sempre como nosso patrono e presidente honorário junto com o Evanildo Bechara. Ele foi o nosso presidente na assembleia geral desde a fundação da AICL até 2019, quando passou o testemunho para o Luciano Pereira, que anda connosco desde o 1º colóquio.

Era uma pessoa generosa, faz parte da nossa família.

Fora do ambiente das palestras e dos colóquios, o acordo ortográfico era como uma obsessão para o Malaca ou não, ele nem falava nisso?

Eu não lhe chamava obsessão, chamava-lhe a menina dos olhos dele. Ele sentia-se responsável, porque foi de facto o grande responsável em Portugal, junto com outros, mas ele foi sobretudo o que deu a cara e que nunca se esquivou a ir à televisão falar com os contristas e debater. Não seria uma obsessão, eu comparo um bocado a ligação do Malaca ao acordo ortográfico à minha ligação vital com os colóquios da lusofonia. Eu não existia neste momento se não fossem os colóquios da lusofonia. São a menina dos meus olhos, e para o Malaca o acordo ortográfico era isso e para o Bechara também.

Só que eles tinham uma capacidade, um nível de conhecimentos... O Bechara quando entrava na parte histórica, ia para 1911 e eu perdia-me totalmente. Citava em detalhes, discussões rigorosas que houve entre académicos portugueses e brasileiros e os desacordos que houve ao longo do tempo, por futilidades, fruto da mania portuguesa, porque acham que os portugueses é que são os donos da língua e que vocês brasileiros não sabem falar português. Foi sempre essa a posição portuguesa e continua a ser. Uma posição um bocado como a dos ingleses. São saudosistas do império que já perderam há muito tempo. Portugal nunca o teve, convenceu-se que teve e o Malaca, durante os primeiros 5 ou 6 anos, era só acordo ortográfico. Depois passou-se a dedicar a mais outras coisas, às gramáticas e apoiou-nos imenso nalguns dos nossos projetos e ajudou-nos a consubstanciar muita coisa. Mas eu não lhe chamava obsessão. Ele achava que como responsável pela assinatura e pela discussão das bases do segundo acordo, achava-se na responsabilidade de dar a cara e defender o acordo possível.

Onde é que o Malaca vai fazer mais falta? Em que situações faz ele mais falta para o universo da língua portuguesa?

Creio que, na Academia das Ciências, ele vai fazer muita falta. Porque não temos os números suficientes na Academia das Ciências para defender o acordo, apesar de já lá termos o Rolf e o Ângelo da Academia galega, que estão como correspondentes.

É inconcebível que a Sociedade Portuguesa de autores seja contra o acordo ortográfico, é absolutamente inconcebível. É inconcebível que a Academia das Ciências de Lisboa, nestes últimos anos, tenha feito e publicado um prontuário pré-acordo ortográfico para utilizar online. Mas quem é que quer escrever à moda de 1945?

Eu nasci em 1949, eu já não sei escrever à moda antiga, para quê criar essas memórias do passado. Ele aí vai fazer muita falta. E, ao mesmo tempo que ele morreu, uns meses antes, morreu-nos a Maria Francisca Xavier, que estava connosco há muitos anos e que nos ajudou a criar o primeiro módulo para o museu de Belmonte sobre a lusofonia. E o primeiro módulo é a língua portuguesa desde os primórdios até à carta de Pêro Vaz de Caminha. Eram três módulos, e três criadores deles, o Malaca, a Maria Francisca e a Lurdes Crispim. Entretanto só temos a Lurdes Crispim. Entretanto já morreram mais 5 professores da Universidade Nova de Lisboa.

Vai fazer falta, porque não existe gente daquele valor, daquele gabarito. Neste momento e não estou a ver entre os novos ninguém com aquela capacidade, com aqueles conhecimentos, com aquela vastidão de recursos para poderem discutir ou debater seja o que for. Aliás, em todos os campos da ciência e da linguística, hoje, cada vez menos, e isto não é uma crítica à gente nova. No entanto, cada vez vejo menos gente nova capaz de abarcar os temas com a gama de conhecimentos que os nossos patronos e que os nossos mentores tinham.

Tenho um certo temor de que, quando esta geração deles e a minha acabar, não haja gente suficiente para continuar essa missão.

Mais alguma coisa que acharia interessante constar, mais alguma história?

Há duas cenas curiosas. A Conceição só se juntou a nós em 2010 em Bragança. Em 2010, no Brasil, depois de umas caipirinhas, já toda a gente estava animada. Havia, no hotel Maria do Mar, em Floripa, um casamento no andar de baixo. A certa altura, o Malaca, já depois de 4 ou 5 caipirinhas, desapareceu. O que é que ele tinha feito? Tinha entrado no casamento. E era uma pessoa totalmente diferente. Com a Conceição portava-

se bem e era muito certinho. Mas quando estava à vontade, as anedotas malandras dele e o seu bom humor não tinham nada a ver com aquela fachada.

Tivemos muita gente que vinha do Brasil para estar perto do Bechara e com o Malaca era a mesma coisa. Muita gente vinha aos nossos colóquios, porque nos sentávamos à mesa com o Malaca e com o Bechara, o que era inimaginável em circunstâncias fora dos nossos colóquios, onde eles eram muito mais mestres lá em cima, no púlpito. Nos nossos colóquios, as “mininas” da Guarda, professoras do Instituto Politécnico da Guarda que foram aos nossos colóquios ao Brasil, estavam em pulgas porque queriam conhecer o Malaca e o Bechara e o almoço demorou para aí quatro horas. Elas estavam loucas porque conseguiram falar com aqueles dois mestres como falavam com os colegas do politécnico. A acessibilidade que eles davam a toda a gente que participou nos colóquios e a amizade era notória. A Conceição depois de 2 ou 3 anos já se desinibiu muito mais, já começava a contar anedotas dela e da família e entrou no espírito da família. Ele e o Bechara tinham imensa piada. Velhos porreiros e simpáticos. Eles eram os únicos a quem nós tratávamos por professor. Mas eram de uma humilde terrível, era impressionante!

Uma pessoa inculta como o pai tinha tido a visão de lhe dar estudos e ele teve de crescer a pulso. E só uma pessoa grande era capaz de fazer isso.

3. João Malaca Casteleiro em Macau

Cada vez que o Professor João Malaca Casteleiro se deslocava a Macau, suscitava grande interesse, principalmente por parte da imprensa local em língua portuguesa. Em virtude disso, espalhadas pelas páginas dos jornais e revistas locais e nos registros visuais e sonoros da rádio e da televisão, encontram-se diversas entrevistas em que ele discorre sobre temas da língua portuguesa. Para este número especial da Revista Orientes do Português, recuperamos alguns trechos destas entrevistas para, de alguma forma, darmos a palavra ao próprio mestre.

Em uma de suas últimas passagens por Macau, João Malaca Casteleiro concedeu uma entrevista ao

jornalista Francisco Frederico, da rede TDM de televisão. Em junho de 2017, fazia um balanço dos resultados da aplicação do Acordo Ortográfico

Quais as razões por trás do acordo

Era no sentido de unificar a ortografia da língua portuguesa que é uma língua tão importante no mundo. Tinha duas ortografias oficiais, a portuguesa e a brasileira. Era preciso unificar e foi isso o que se fez.

Havia de facto o risco de o português se fragmentar?

Era claro que havia. Se Portugal tinha uma ortografia e o Brasil tinha outra, qual é a garantia que os países lusófonos, africanos, nomeadamente Timor Leste, resultantes da descolonização portuguesa, podiam adotar cada um deles também uma nova ortografia em conformidade com as suas especificidades próprias? Vimos que era para fazer um acordo que fosse possível e conseguimos uniformizar cerca de 98% do léxico da língua, o que é substancial.

Outro tema, sobre o qual se costumava consultar o Professor João Malaca Casteleiro, era a difusão da língua portuguesa na China. Neste trecho de uma entrevista para a Revista Macau de março de 2006, ele mostrava-se bastante satisfeito com o crescimento do número de estudantes de língua portuguesa.

Como é que avalia o trabalho que está a ser feito em Macau para a preservação e funcionalidade da língua portuguesa?

Eu acho que Macau superou as melhores expectativas que havia aquando da transição para a administração chinesa. Nós imaginávamos que o português ficaria muito mais reduzido, que haveria menos interesse na sua aprendizagem. Mas verificou-se exatamente o contrário: eu estive em Macau em novembro passado e verifiquei, com muita satisfação, a grande procura de aprendizagem, quer na Universidade de Macau, quer no Instituto Politécnico de Macau, quer no Instituto Português do Oriente (IPOR), quer na Escola Portuguesa de Macau.

Há grande procura?

Há e estende-se à restante China: temos cinco universidades chinesas, com preponderância para as de Pequim, Xangai e Cantão, em que há departamentos de português com muito mais procura de alunos para

aprender português do que o número de inscrições disponíveis.

Porque é que há tanto interesse pelo português?

Por razões de natureza política e de natureza económica. A China está numa fase de expansão imensa, com interesses nos países de expressão portuguesa como Brasil, Moçambique, Angola... Portanto, todas as pessoas que acabam a licenciatura em português têm imediatamente saídas profissionais no domínio diplomático, económico ou mediático. Em Macau, então, essa procura é claríssima.

O que é falta para aproximar a oferta a essa procura?

Um maior número de professores, recrutados a partir de Portugal ou de Macau, que tem recursos financeiros de sobra para promover o português, tal como tem feito. Até hoje, boa parte da promoção tem sido feita por autoridades chinesas. Por exemplo, o presidente do Instituto Politécnico de Macau foi nosso aluno, por volta de 1982, na Faculdade de Letras de Lisboa. É de Pequim e é um dos principais prosélitos da promoção do português em Macau, com ligações magníficas ao resto do país. Tem programas de acolhimento de estudantes que estão a tirar a licenciatura em universidades chinesas e que passam um ano de estudos em Macau, com processos de equivalência perfeitamente assumidos. A Universidade de Macau também faz isso. E o IPOR também tem muita procura.

Como é que se pode tornar esse movimento ainda mais dinâmico?

Com a abertura de mais cursos, com mais professores. Mas neste momento o Instituto Politécnico está, por exemplo, muito empenhado em preservar a qualidade do ensino. E, por vezes, a qualidade é incompatível com a quantidade.

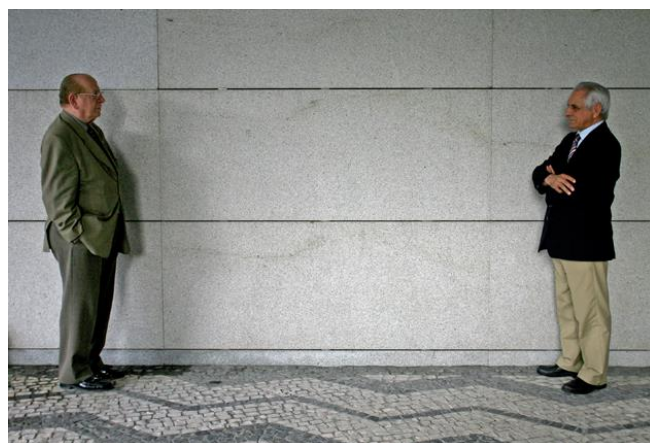
Em 2011, por ocasião do 15.º Colóquio da Lusofonia, no Instituto Politécnico de Macau, o jornalista Hélder Beja fez perguntas de ordem mais pessoal ao eminente professor que seriam publicadas na edição de junho do mesmo ano da Revista Macau. Ele termina falando sobre a saudade. E com a saudade que sua presença deixa em todos os que tiveram a sorte de o conhecer, encerramos este artigo.

Diga uma palavra com a qual tenha tido dificuldade nos seus tempos de aluno, uma palavra em que se enganasse com frequência.

Não era bem uma palavra, era uma letra. É uma coisa curiosa, porque isso se repetiu em algumas gerações dos meus parentes. A grande dificuldade que eu tinha para aprender o abecedário era a letra ‘d’. Quando chegava à letra ‘d’... ‘Que letra é essa, menino?’ Aí já sabe... (risos). Curiosamente isso aconteceu com o filho do meu tio-avô, com o irmão da minha mãe e aconteceu comigo. E ainda não fiz um inquérito no resto da família (risos).

E uma palavra de que goste muito?

Gosto muito da palavra ‘saudade’. Acho que ‘saudade’, pela sua sonoridade, alivia a dor que ela provoca. A forma sonora é como se fosse um contrapeso da dor da saudade pela ausência de uma pessoa amada.



Professores Evanildo Bechara e João Malaca Casteleiro no IPM. Macau, 2011. Foto: Gonçalo Lobo Pinheiro